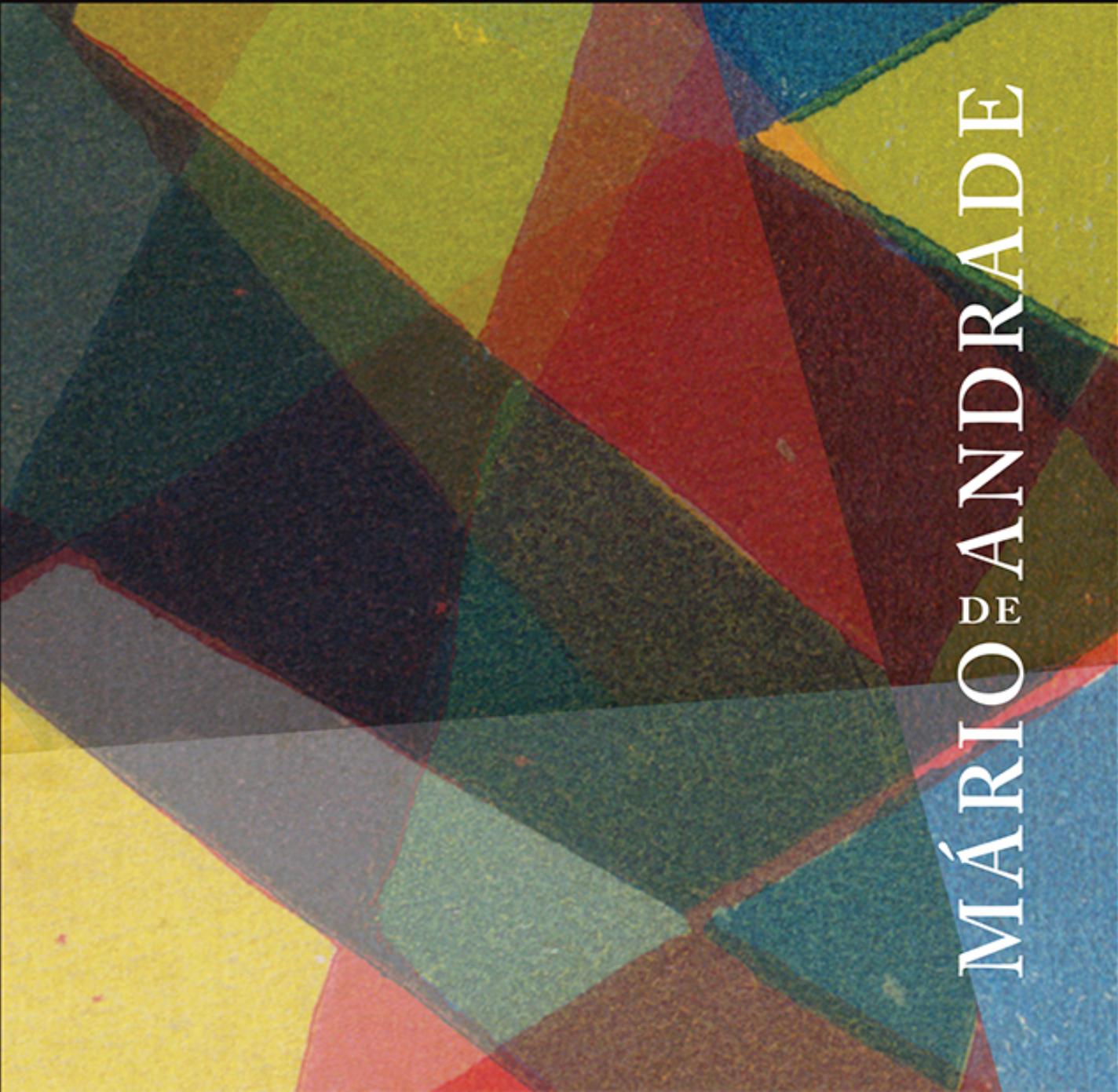




☀ POESIAS COMPLETAS ☀

VOLUME 1



MÁRIO DE ANDRADE

POESIAS COMPLETAS



POESIAS COMPLETAS

*Edição de texto apurado, anotada e acrescida de
documentos por
Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez*



VOLUME 1

NOVA FRONTEIRA | RIO DE JANEIRO 2013



*Onde até na força do
verão
havia tempestades de
ventos
e frios de cruelíssimo
inverno.*

Fr. Luís de Sousa

São Paulo! comoção de minha vida...
Os meus amores são flores feitas de original!...
Arlequinal!... Traje de losangos... Cinza e ouro...
Luz e bruma... Forno e inverno morno...

- 5 Elegâncias sutis sem escândalos, sem ciúmes...
Perfumes de Paris... Arys![\[49\]](#)
Bofetadas líricas no Trianon... Algodoad!...

São Paulo! comoção de minha vida...
Galicismo a berrar nos desertos da América!

Sentimentos em mim do asperamente
dos homens das primeiras eras...
As primaveras de sarcasmo
intermitentemente no meu coração arlequinal...

5 Intermitentemente...

Outras vezes é um doente, um frio
na minha alma doente como um longo som
redondo...

Cantabona! Cantabona!
Dlorom...

10 Sou um tupi tangendo um alaúde!

 PAISAGEM Nº 1 

Minha Londres das neblinas finas!
Pleno verão. Os dez mil milhões de rosas
paulistanas.
Há neve de perfumes no ar.
Faz frio, muito frio...

- 5 E a ironia das pernas das costureirinhas
parecidas com bailarinas...
O vento é como uma navalha
nas mãos dum espanhol. Arlequinal!...
Há duas horas queimou sol.
- 10 Daqui a duas horas queima sol.

Passa um São Bobo, cantando, sob os plátanos,
um tralalá... A guarda-cívica! Prisão!
Necessidade a prisão
para que haja civilização?

- 15 Meu coração sente-se muito triste...
Enquanto o cinzento das ruas arrepiadas
dialoga um lamento com o vento...

- Meu coração sente-se muito alegre!
Este friozinho arrebitado
- 20 dá uma vontade de sorrir!
E sigo. E vou sentindo,
à inquieta alacridade da invernia,
como um gosto de lágrimas na boca...



Escuridão dum meio-dia de invernia...
Marasmos... Estremeções... Brancos...
O céu é toda uma batalha convencional de
confetti[66] brancos;
e as onças pardas das montanhas no longe...

5 Oh! para além vivem as primaveras eternas!

As casas adormecidas
parecem teatrais gestos dum explorador do polo
que o gelo parou no frio...

Lá para as bandas do Ipiranga as oficinas tosem...
10 Todos os estiolados são muito brancos.
Os invernos de Pauliceia são como enterros de
virgem...
Italianinha, torna al tuo paese!

Lembras-te? As barcarolas dos céus azuis nas águas
verdes...
Verde - cor dos olhos dos loucos!
15 As cascatas das violetas para os lagos...
Primaveral - cor dos olhos dos loucos!

Deus recortou a alma de Pauliceia
num cor de cinza sem odor...
Oh! para além vivem as primaveras eternas!...
20 Mas os homens passam sonambulando...
E rodando num bando nefário,
vestidas de eletricidade e gasolina,
as doenças jocotoam em redor...

Grande função ao ar livre!
25 Bailado de Cocteau com os barulhadores de Russolo!
Opus 1921.

São Paulo é um palco de bailados russos.
Sarabandam a tísica, a ambição, as invejas, os crimes
e também as apoteoses da ilusão...

30 Mas o Nijinsky sou eu!
E vem a Morte, minha Karsavina!
Quá, quá, quá! Vamos dançar o fox-trot da
desesperança,
a rir, a rir dos nossos desiguais!

Chove?

Sorri uma garoa cor de cinza,
muito triste, como um tristemente longo...

A casa Kosmos não tem impermeáveis em
liquidação...[\[69\]](#)

- 5 Mas neste largo do Arouche
posso abrir meu guarda-chuva paradoxal,
este lírico plátano de rendas mar...

Ali em frente... - Mário, põe a máscara!
- Tens razão, minha Loucura, tens razão.

- 10 O rei de Tule jogou a taça ao mar...

Os homens passam encharcados...

Os reflexos dos vultos curtos
mancham o petit-pavé...

As rolas da Normal

- 15 esvoaçam entre os dedos da garoa...
(E se pusesse um verso de Crisfal
No *De Profundis*?...)

De repente

um raio de Sol arisco

- 20 risca o chuvisco ao meio.

Os caminhões rodando, as carroças rodando,
rápidas as ruas se desenrolando,
rumor surdo e rouco, estrépitos, estalidos...
E o largo coro de ouro das sacas de café!...

- 5 Na confluência o grito inglês da São Paulo Railway...
Mas as ventaneiras da desilusão! a baixa do café!...
As quebras, as ameaças, as audácias superfinas!...
Fogem os fazendeiros para o lar!... Cincinato
Braga!...[\[71\]](#)
Muito ao longe o Brasil com seus braços cruzados...
- 10 Oh! as indiferenças maternais!...

Os caminhões rodando, as carroças rodando,
rápidas as ruas se desenrolando,
rumor surdo e rouco, estrépitos, estalidos...
E o largo coro de ouro das sacas de café!...

- 15 Lutar!
A vitória de todos os sozinhos!...
As bandeiras e os clarins dos armazéns
abarroçados...
Hostilizar!... Mas as ventaneiras dos braços
cruzados!...

- E a coroação com os próprios dedos!
- 20 Mutismos presidenciais, para trás!
Ponhamos os (Vitória!) colares de presas inimigas!
Enguirlandemo-nos de café-cereja!
Taratá! e o peã de escárnio para o mundo!

Oh! este orgulho máximo de ser paulistamente!!!

[\[72\]](#)



Oratório profano

*O, woe is me
To have seen what I have seen, see what I see!* [73].
Shakespeare

DISTRIBUIÇÃO DAS VOZES:

Os Orientalismos Convencionais - (escritores e demais artífices elogiáveis) - Largo, imponente coro afinadíssimo de sopranos, contraltos, barítonos, baixos.

As Senectudes Tremulinas - (milionários e burgueses) - Coro de sopranistas.

Os Sandapilários Indiferentes - (operariado, gente pobre) - Barítonos e baixos.

As Juvenildades Auriverdes - (nós) - Tenores, sempre tenores! Que o diga Walter von Stolzing!

Minha Loucura - Soprano ligeiro. Solista.

Acompanhamento de orquestra e banda.

Local de execução: a esplanada do Teatro Municipal. Banda e orquestra colocadas no terraplano que tomba sobre os jardins. São perto de cinco mil instrumentistas dirigidos por maestros... vindos do estrangeiro. Quando a solista canta há silêncio orquestral - salvo nos casos propositadamente mencionados. E, mesmo assim, os instrumentos que então ressoam, fazem-no a contragosto dos maestros. Nos coros dos *Orientalismos Convencionais* a banda junta-se à orquestra. É um *tutti* formidando.

Quando cantam *As Juvenilidades Auriverdes* (há naturalmente falta de ensaios) muitos instrumentos silenciam. Alguns desafinam. Outros partem as cordas. Só aguentam o *rubato* lancinante violinos, flautas, clarins, a bateria e mais borés e maracás.

Os Orientalismos Convencionais estão nas janelas e terraços do Teatro Municipal. *As Senectudes Tremulinas* disseminaram-se pelas sacadas do Automóvel Clube, da Prefeitura, da Rôtisserie, da Tipografia Weisflog, do Hotel Carlton e mesmo da Livraria Alves, ao longe.[\[74\]](#) *Os Sandapilários Indiferentes* berram do Viaduto do Chá. Mas *As Juvenilidades Auriverdes* estão embaixo, nos parques do Anhangabaú, com os pés enterrados no solo. *Minha Loucura* no meio delas.[\[75\]](#)

NA AURORA DO NOVO DIA

PRELÚDIO

As caixas anunciam a arraiada. Todos os 550.000 cantores concertam apressadamente as gargantas e tomam fôlego com exagero, enquanto os borés, as trompas, o órgão, cada timbre por sua vez, entre largos silêncios reflexivos, enunciam, sem desenvolvimento, nem harmonização o tema: "*Utilius est saepe et securius quod homo non habeat multas consolationes in hãc vitã*".

E começa o oratório profano, que teve por nome

AS ENFIBRATURAS DO IPIRANGA

As Juvenilidades Auriverdes

(pianíssimo)

- Nós somos as Juvenilidades Auriverdes!
As franjadas flâmulas das bananeiras,
as esmeraldas das araras,
os rubis dos colibris,
5 os lirismos dos sabiás e das jandaias,
os abacaxis, as mangas, os cajus
almejam localizar-se triunfantemente,
na fremente celebração do Universal!...
Nós somos as Juvenilidades Auriverdes!
10 As forças vivas do torrão natal,
as ignorâncias iluminadas,
os novos sóis luscofuscolares
entre os sublimes das dedicações!...
Todos para a fraterna música do Universal!
15 Nós somos as Juvenilidades Auriverdes! [\[76\]](#)

Os Sandapilários Indiferentes

(num estampido preto)

- Vá de rumor! Vá de rumor!
Esta gente não nos deixa mais dormir!
Antes *E lucevan le stelle* de Puccini!
Oh! pé de anjo, pé de anjo!
20 Fora! Fora o que é de despertar!

(A orquestra num crescendo cromático
de contrabaixos anuncia...)

Os Orientalismos Convencionais

Somos os Orientalismos Convencionais!
Os alicerces não devem cair mais!

Nada de subidas ou de verticais!
Amamos as chatezas horizontais!
25 Abatemos perobas de ramos desiguais!
Odiamos as matinadas arlequinais!
Viva a Limpeza Pública e os hábitos morais!
Somos os Orientalismos Convencionais!

Deve haver Von Iherings para todos os tatus!
30 Deve haver Vitais Brasis para os urutus!
Mesmo peso de feijão em todos os tutus!
Só é nobre o passo dos jabirus!
Há estilos consagrados para os Pacaembus![\[77\]](#)
Que os nossos antepassados foram homens de
truz!

35 Não lhe bastam velas? Para que mais luz!

Temos nossos coros só no tom de dó!
Para os desafinados, doutrina de cipó!
Usamos capas de seda, é só escovar o pó!
Diariamente à mesa temos mocotó!
40 Per omnia saecula saeculorum moinhos terão mó!
Anualmente de sobrecasaca, não de paletó,
vamos visitar o esqueleto de nossa grande Avó!
Glória aos Iguais! Um é todos! Todos são um só!
Somos os Orientalismos Convencionais!

As Juvenilidades Auriverdes

(perturbadas com o fabordão, recomeçam mais alto, incertas)

45 Magia das alvoradas entre magnólias e rosas...
Apelos do estelário visível aos alguéns...
– Pão de Ícaros sobre a toalha estática do azul!
Os tuins esperanças das nossas ilusões!
Suaviloquências entre as deliquescências
50 dos sáfaros, aos raios do maior solar!...

Sobracemos as muralhas! Investe com os cardos!
Rasga-te nos acúleos! Tomba sobre o chão!
Hão-de vir valquírias para os olhos-fechados!
Anda! Não pares nunca! Aliena o duvidar
55 e as vacilações perpetuamente!

As Senectudes Tremulinas

(tempo de minuete)

Quem são estes homens?
Maiores menores
Como é bom ser rico!
Maiores menores
60 Das nossas poltronas
Maiores menores
olhamos as estátuas
Maiores menores
do signor Ximenes
65 - o grande escultor!

Só admiramos os célebres
e os recomendados também!
Quem tem galeria
terá um Bouguereau!
70 Assinar o Lírico?
Elegância de preceito!
Mas que paulificância
Maiores menores
o *Tristão e Isolda*!
75 Maiores menores

Preferimos os coros
dos Orientalis-[\[78\]](#)
mos Convencionais!
Depois os sanchismos

80 (Ai! gentes, que bom!)
da alta madrugada
no largo do Paiçandu!

Alargar as ruas...
E as Instituições?

85 Não pode! Não pode!
Maiores menores
Mas não há quem diga
Maiores menores
quem são esses homens[79]

90 que cantam do chão?

(a orquestra súbito emudece, depois
duma grande gargalhada de timbales)

Minha Loucura

(recitativo e balada)

Dramas da luz do luar no segredo das frestas
perquirindo as escuridões...
A traição das mordanças!
E a paixão oriental dissolvida no mel!...

95 Estas marés da espuma branca
e a onipotência intransponível dos rochedos!
Intransponivelmente! Oh!...
A minha voz tem dedos muito claros
que vão roçar nos lábios do Senhor;

100 mas as minhas tranças muito negras
emaranharam-se nas raízes do jacarandá...

Os cérebros das cascatas marulhantes
e o benefício das manhãs serenas do Brasil!

(grandes glissandos de harpa)

Estas nuvens da tempestade branca
105 e os telhados que não deixam a chuva batizar![\[80\]](#)
Propositadamente! Oh!...
Os meus olhos têm beijos muito verdes
que vão cair às plantas do Senhor;
mas as minhas mãos muito frágeis[\[81\]](#)
110 apoiaram-se nas faldas do Cubatão...

Os cérebros das cascatas marulhantes
e o benefício das manhãs solenes do Brasil
(notas longas de trompas)

Estas espigas da colheita branca
e os escalrachos roubando a uberdade!
115 Enredadamente! Oh!...
Os meus joelhos têm quedas muito crentes
que vão bater no peito do Senhor;
mas os meus suspiros muito louros
entreteceram-se com a rama dos cafezais...

120 Os cérebros das cascatas marulhantes
e o benefício das manhãs gloriosas do Brasil!
(harpas, trompas, órgão)

As Senectudes Tremulinas

(iniciando uma gavota)

Quem é essa mulher!
É louca, mas louca
pois anda no chão!

As Juventudes Auriverdes

(num crescendo fantástico)

- 125 Ódios, invejas, infelicidades!...
Crenças sem Deus! Patriotismos diplomáticos!
Cegar!
Desvalorização das lágrimas lustrais!
Nós não queremos mascaradas! E ainda menos
- 130 cordões *Flor-do-abacate* das superfluidades!
Os tumultos da luz!... As lições dos maiores!...
E a integralização da vida no Universal!
As estradas correndo todas para o mesmo final!...
E a pátria simples, una, intangivelmente
- 135 partindo para a celebração do Universal!
Ventem nossos desvarios fervorosos!
Fulgurem nossos pensamentos dadivosos!
Clangorem nossas palavras proféticas
na grande profecia virginal!
- 140 Somos as Juvenilidades Auriverdes!
A passiflora! o espanto! a loucura! o desejo!
Cravos! mais cravos para nossa cruz!

Os Orientalismos Convencionais

(*Tutti*. O crescendo é resolvido
numa solene marcha fúnebre)

- Para que cravos? Para que cruzes?
Submetei-vos à metrificação!
- 145 A verdadeira luz está nas corporações!
Aos maiores: serrote; aos menores: o salto...
E a glorificação das nossas ovações!

As Juvenilidades Auriverdes

(num clamor)

- Somos as Juvenilidades Auriverdes!
A passiflora! o espanto! a loucura! o desejo!
- 150 Cravos! mais cravos para nossa cruz!

Os Orientalismos Convencionais

(a tempo)

Para que cravos? Para que cruzes?
Submetei-vos à poda!
Para que as artes vivam e revivam
use-se o regime do quartel!
155 É a riqueza! O nosso anel de matrimônio!
E as fecundidades regulares, refletidas...
E os perenementes da ligação mensal...

As Senectudes Tremulinas

(aos miados de flautim impotente)

Bravíssimo! Bem dito! Sai azar!
Os perenementes da ligação anual!

As Juvenilidades Auriverdes

(berrando)

160 Somos as Juvenilidades Auriverdes!
A passiflora! o espanto! a loucura! o desejo!
Cravos! mais cravos para nossa cruz!

Os Orientalismos Convencionais

(da capo)

Para que cravos? Para que cruzes?
Universalizai-vos no senso comum!
165 Senti sentimentos de vossos pais e avós!
Para as almas sempre torresmos cerebrais!
E a sesta na rede pelos meios-dias!

Acordar às seis; deitar às vinte e meia;
e o banho semanal com sabão de cinza,
170 limpando da terra, calmando as erupções...
E a dignificação bocejal do mundo sem estações!...
Primavera, inverno, verão, outono...[82]
Para que estações?

As Juvenilidades Auriverdes

(já vociferantes)

Cães! Piores que cães!
175 Somos as Juvenilidades Auriverdes!
Vós, burros! malditos! cães! piores que cães!

Os Orientalismos Convencionais

(sempre marcha fúnebre, cada vez mais forte porém)

Para que burros? Para que cães?
Produtividades regulares. Vivam as maleitas!
Intermitências de polegadas certas!
180 Nas arquitecturas renascença gálica;
na música Verdi; na escultura Fídias;
Corot na pintura; nos versos Leconte;
na prosa Macedo, D'Annunzio e Bourget!
E na vida enfim, eternamente eterna,
185 concertos de meia à luz do lampeão,
valsas de Godard no piano alemão,
marido, mulher, as filhas, o noivo...

As Juvenilidades Auriverdes

(numa grita descompassada)

Malditos! Boçais! Cães! Piores que cães!

Somos as Juvenilidades Auriverdes!
190 A passiflora!... Vós, malditos! boçais!

Os Orientalismos Convencionais

(f f f)

... o curso aos domingos, o chá no Trianon...
E ascidades, ascidades,
ascidades, ascidades,
e milcidades...[\[83\]](#)

As Juvenilidades Auriverdes

(f f f f)

195 Seus borras! Seus bêbedos! Infames! Malditos!
A passiflora! o espanto! a loucura! o d...

Os Orientalismos Convencionais

(f f f f f)

... e as perpetuidades
das celebridades das nossas vaidades;
das antiguidades às atualidades;[\[84\]](#)
200 ao fim das idades sem desigualdades
quem há-de...

As Juvenilidades Auriverdes

(loucos, sublimes, tombando exaustos)

Seus.....

.....!!!

(A maior palavra feia que o leitor conhecer)

Nós somos as Juvenilidades Auriverdes!

A passiflora! o espanto!... a loucura! o desejo!...
205 Cravos!... Mais cravos... para... a nossa...

Silêncio. Os *Orientalismos Convencionais*, bem como as *Senectudes Tremulinas* e os *Sandapilários Indiferentes* fugiram e se esconderam,[\[85\]](#) tapando os ouvidos à grande, à máxima VERDADE. A orquestra evaporou-se, espavorida. Os *maestri* sucumbiram. Caiu a noite, aliás; e na solidão da noite das mil estrelas as *Juvenilidades Auriverdes*, tombadas no solo, chorando, chorando o arrependimento do tresvario final.

Minha Loucura

(suavemente entoa cantiga de adormentar)

Chorai! Chorai! Depois dormi!
Venham os descansos veludosos
vestir os vossos membros!... Descansai!
Ponde os lábios na terra! Ponde os olhos na terra!
210 Vossos beijos finais, vossas lágrimas primeiras
para a branca fecundação!
Espalhai vossas almas sobre o verde!
Guardai nos mantos de sombra dos manacás
os vossos vaga-lumes interiores!
215 Inda serão um sol nos ouros do amanhã!
Chorai! Chorai! Depois dormi!

A mansa noite com seus dedos estelares
fechará nossas pálpebras...
As vésperas do azul!...
220 As melhores vozes para vosso adormentar!
Mas o Cruzeiro do Sul e a saudade dos martírios...
Ondular do vai-vem! Embalar do vai-vem!
Para a restauração o vinho dos noturnos!...

Mas em vinte anos se abrirão as searas!
225 Virão os setembros das floradas virginais!
Virão os dezembros do sol pojando os grânulos!
Virão os fevereiros do café-cereja!
Virão os marços das maturações!
Virão os abris dos preparativos festivais!

230 E nos vinte anos se abrirão as searas!
E virão os maios! E virão os maios!
Rezas de Maria... Bimbalhadas... Os votivos...
As preces subidas... As graças vertidas...
Tereis a cultura da recordação![\[86\]](#)

235 Que o Cruzeiro do Sul e a saudade dos martírios
platem-se na tumba da noite em que sonhais...
Importa?!... Digo-vos eu nos mansos
oh! Juvenilidades Auriverdes, meus irmãos:
Chorai! Chorai! Depois dormi!

240 Venham os descansos veludosos
vestir os vossos membros!... Descansai!

Diuturnamente cantareis e tombareis.
As rosas... As borboletas... Os orvalhos...
O todo-dia dos imolados sem razão...

245 Fechai vossos peitos![\[87\]](#)
Que a noite venha depor seus cabelos alens
nas feridas de ardor dos cutilados!
E enfim no luto em luz, (Chorai!)
das praias sem borrascas, (Chorai!)

250 das florestas sem traições de guaranis
(Depois dormi!)
que vos sepulte a Paz Invulnerável!
Venham os descansos veludosos
vestir os vossos membros... Descansai!

(quase a sorrir,
dormindo)

255 Eu... os desertos... os Caíns... a maldição...

(*As Juventudes Auriverdes e Minha Loucura* adormecem eternamente surdos, enquanto das janelas de palácios, teatros, tipografias, hotéis - escancaradas, mas cegas - cresce uma enorme vaia de assovios, zurros, patadas.)

FIM

LAUS DEO!

CLÃ DO JABUTI [\[158\]](#)





O POETA COME AMENDOIM
(1924)[[159](#)]



*A Carlos Drummond
de Andrade*[[160](#)]

Noites pesadas de cheiros e calores amontoados...
Foi o sol que por todo o sítio imenso do Brasil
Andou marcando de moreno os brasileiros.

Estou pensando nos tempos de antes de eu
nascer...

5 A noite era pra descansar. As gargalhadas brancas dos
mulatos...

Silêncio! O Imperador medita os seus versinhos.
Os Caramurus conspiram na sombra das
mangueiras ovais.[[161](#)]

Só o murmurejo dos cre'm-deus-padres irmanava os
homens de meu país...

Duma feita os canhamboras perceberam que não
tinha mais escravos,

10 Por causa disso muita virgem-do-rosário se perdeu...
[[162](#)]

Porém o desastre verdadeiro foi embonecar esta
República temporã.

A gente inda não sabia se governar...[[163](#)]

Progredir, progredimos um tiquinho

Que o progresso também é uma fatalidade...

15 Será o que Nosso Senhor quiser!...

Estou com desejos de desastres...

Com desejos do Amazonas e dos ventos muriçocas

Se encostando na canjerana dos batentes...

Tenho desejos de violas e solidões sem sentido

20 Tenho desejos de gemer e de morrer.[\[164\]](#)

Brasil...

Mastigado na gostosura quente do amendoim...

Falado numa língua curumim

De palavras incertas num remelexo melado
melancólico...

25 Saem lentas frescas trituradas pelos meus dentes
bons...

Molham meus beijos que dão beijos alastrados

E depois remurmuram sem malícia as rezas bem-
nascidas...[\[165\]](#)

Brasil amado não porque seja minha pátria,

Pátria é acaso de migrações e do pão-nosso onde

Deus der...[\[166\]](#)

30 Brasil que eu amo porque é o ritmo do meu braço
aventuroso,[\[167\]](#)

O gosto dos meus descansos,

O balanço das minhas cantigas amores e danças.

Brasil que eu sou porque é a minha expressão muito
engraçada,

Porque é o meu sentimento pachorrento,

35 Porque é o meu jeito de ganhar dinheiro, de comer e de
dormir.

  COORDENADAS

(1924)

a Couto de Barros[\[175\]](#).

Vêm duas costureirinhas pela rua das Palmeiras.
Afobadas, braços dados, depressinha,
Bonitas, Senhor! que até dão vontade pros homens
da rua.

As costureirinhas vão explorando perigos...

- 5 Vestido é de seda.
Roupa-branca é de morim.

Falando conversas fiadas
As duas costureirinhas passam por mim.
- Você vai?

- 10 - Não vou não!
Parece que a rua parou pra escutá-las.
Nem os trilhos sapecas
Jogam mais bondes um pro outro.
E o sol da tardinha de abril

- 15 Espia entre as pálpebras crespas de duas nuvens.[183]
As nuvens são vermelhas.
A tardinha é cor-de-rosa.

Fiquei querendo bem aquelas duas costureirinhas...
Fizeram-me peito batendo

- 20 Tão bonitas, tão modernas, tão brasileiras!
Isto é...
Uma era ítalo-brasileira.
Outra era áfrico-brasileira.
Uma era branca.

- 25 Outra era preta.



a Elísio de Carvalho[189].

Maravilha de milhares de brilhos vidrilhos,
Calma do noturno de Belo Horizonte...
O silêncio fresco desfolha das árvores[190]
E orvalha o jardim só.

5 Larguezas.

Enormes coágulos de sombra.
O polícia entre rosas...
Onde não é preciso, como sempre...
Há uma ausência de crimes

10 Na jovialidade infantil do friozinho.

Ninguém.
O monstro desapareceu.
Só as árvores árvores do mato-virgem[191]
Pendurando a tapeçaria das ramagens

15 Nos braços cabindas da noite.

Que luta pavorosa entre floresta e casas...
Todas as idades humanas
Macaqueadas por arquiteturas históricas
Torres torreões torrinhas e tolices

20 Brigaram em nome da?

Os mineiros secundam em coro:
- Em nome da civilização!
Minas progride.
Também quer ter também capital moderníssima
também...

25 Pórticos gregos do Instituto de Rádio

Onde jamais Empédocles entrará...
O Conselho Deliberativo é manuelino,
Salão sapiente de Manuéis-da-hora...

- Arcos românicos de São José
- 30 E a catedral que pretende ser gótica...
Pois tanto esquecimento da verdade!
A terra se insurgiu.
- O mato invadiu o gradeado das ruas,[\[192\]](#)
Bondes sopesados por troncos hercúleos,
- 35 Incêndio de Cafés,[\[193\]](#)
Setas inflamadas,
Comboio de trânsfugas pro Rio de Janeiro,
A ramaria crequenta cegando as janelas
Com a poeira dura das folhagens...[\[194\]](#)
- 40 Aquele homem fugiu.
A imitação fugiu.
Clareiras do Brasil, praças agrestes!...
Paz.
- O mato vitorioso acampou nas ladeiras.[\[195\]](#)
- 45 Suor de resinas opulentas.
Grupos de automóveis:
Baitacas e jandaias do rosal.
E o noturno apagando na sombra o artifício e o
defeito
Adormece em Belo Horizonte
- 50 Como um sonho mineiro.
Tem festas do Tejuco pelo céu!
As estrelas baralham-se num estardalhaço de luzes.
O sr. barão das Catas-Altas
Reúne todas as constelações
- 55 Pra fundir uma baixela de mundos...
Bulício de multidões matizadas...
Emboabas, carijós, espanhóis de Felipe IV...
Tem baianos redondos...[\[196\]](#)
Dom Rodrigo de Castel Branco partirá!...
- 60 Lumeiro festival... Gritos... Tocheiros...
O Triunfo Eucarístico abala chispeando...

Os planetas comparecem em pessoa!
Só as magnólias – que banzo dolorido! –
As carapinhas fofas polvilhadas

65 Com a prata da Via-Látea
Seguem pra igreja do Rosário
E pro jongo de Chico-Rei...

Estrelas árvores estrelas
E o silêncio fresco da noite deserta.

70 Belo Horizonte desapareceu
Transfigurada nas recordações.

... Minas Gerais, fruta paulista...
Ouvi que tem minas ocultas por cá...
Mas ninguém mais conhece Marcos de Azeredo,

75 Quedê os roteiros de Robério Dias?[\[197\]](#)

Prata

Diamantes cascadeantes
Esmeraldas esmeraldas esperanças!...

Não são esmeraldas, são turmalinas, bem se vê:
[\[198\]](#)

80 A casinha de taipa a beira-rio.
Canoa abicada na margem,
A bruma das monções,
Mais nada.
Os galhos lavam matinalmente os cabelos

85 Na água barrenta indiferente.
As ondas sozinhas do Paraíba
Morrem avermelhadas mornas cor-de-febre.
E a febre...

Não sejamos muito exigentes.

90 Todos os países do mundo
Tem os seus Guaicuis emboscados

No sossego das ribanceiras dolentes.
As carneiradas ficavam pra trás...
O trem passava apavorado.

95 Só parou muito longe na estação
Pra que os romeiros saudassem
Nosso Senhor da Boa-Viagem.

Ele ficava imóvel na beira dos trilhos
Amarrado à cegueira.

100 Trazia só os molambos necessários
Como convém aos santos e
Aos avarentos.
Porém o netinho corria junto das janelas dos vagões

Com o chapéu do cego na mão.

105 Quando a esmola caía - com que triunfo! - o menino
gritava:

- Pronto! Mais uma!
Então lá do seu mundo
Nosso Senhor abençoava:
- Boa viagem.

110 Examina a carne do teu corpo.
Apesar da perfeição das estradas-de-ferro
E da inflexível providência dos horários,
Encontros descarrilamentos mortes...
Pode ser!...

115 As esmolas tombavam.
- Pronto! Mais uma!
- Boa viagem.

Minas Gerais de assombros e anedotas...
Os mineiros pintam diariamente o céu de azul

120 Com os pincéis das macaúbas folhudas.
Olhe a cascata lá!
Súbita bombarda.

Talvez folha de arbusto,
Ninho de teneném que cai pesado,
125 Talvez o trem, talvez ninguém...
As águas se assustaram
E o estouro dos rios começou.

Vão soltos pinchando rabanadas pelos ares,
Salta aqui salta corre viravolta pingo grito
130 Espumas brancas alvas
Fluem bolhas bolas,
Itoupavas altas... [\[199\]](#)
Borbulham bulhando em murmúrios churriantes
Nas bolsas brandas largas das enseadas lânguidas...

135 De supetão fosso. [\[200\]](#)
Mergulho.
Uivam tombando.
Desgarram serra abaixo.
Rio das Mortes

140 Paraopeba
Paraibuna,
Mamotes brancos...
E o Araçuí de Fernão Dias...
Barafustam vargens fora

145 Até acalmarem muito longe exânimes
Nas polidas lagoas de cabeça pra baixo. [\[201\]](#)

Rio São Francisco o marrueiro dos matos
Partiu levando o rebanho pro norte
Ao aboio das águas lentamente.
150 A barcaça que ruma pra Juazeiro
Desce ritmada pelos golpes dos remeiros. [\[202\]](#)
Na proa, o olhar distante a olhar,
Matraca o dançador:

“Meu pangaré arreado,

155 Minha garrucha laporte,
 Encostado no meu bem
 Não tenho medo da morte.
 Ah!...”

 Um grande Ah!... aberto e pesado de espanto
160 Varre Minas Gerais por toda a parte...

 Um silêncio repleto de silêncio
 Nas invernadas, nos araxás,
 No marasmo das cidades paradas...
 Passado a fuxicar as almas,

165 Fantasmas de altares, de naves douradas
 E dos palácios de Mariana e Vila Rica...
 Isto é: Ouro Preto.

 E o nome lindo de São José d’El Rei mudado num
 odontológico Tiradentes...[203]
 Respeitemos os mártires.

170 Calma do noturno de Belo Horizonte...

 As estrelas acordadas enchem de Ahs!... ecoantes o
 ar.

 O silêncio fresco despenca das árvores.

 Veio de longe, das planícies altas,

 Dos cerrados onde o guaxe passa rápido...

175 Vvvvvvvv... passou.

 Passou tal qual o fausto das paragens de ouro
 velho...[204]

 Minas Gerais, fruta paulista...

 Fruta que apodreceu.

 Frutificou mineira! Taratá![205]

180 Há também colheitas sinceras!

 Milharais canaviais cafezais insistentes

 Trepadeirando morro acima.

 Mas que chãos sovinas como o mineiro-zebu!

 Dizem que os baetas são agarrados...

185 Não percebi, graças a Deus!
Na fazenda do Barreiro recebem opulentamente.
[\[206\]](#)
Os pratos nativos são índices de nacionalidade.
Mas no Grande Hotel de Belo Horizonte servem à
francesa.[\[207\]](#)
Et bien! Je vous demande un toutou!

190 Venha a batata-doce e o torresmo fondant!
Carne-de-porco não!
O médico russo afirma que na carne-de-porco
andam micróbios de loucura...
Basta o meu desvairismo!
E os pileques

195 quase pileques
 salamaleques
 da caninha de manga!...

Taratá! Quero a couve mineira![\[208\]](#)
Minas progride!

200 Mãos esqueléticas de máquinas britando minérios,
As estradas-de-ferro estradas-de-rodagem
Serpenteiam teosoficamente fecundando o
deserto...

Afinal Belo Horizonte é uma tolice como as outras.
São Paulo não é a única cidade arlequinal.

205 E há vida há gente, nosso povo tostado.
O secretário da Agricultura é novo!
Fábricas de calçados[\[209\]](#)
Escola de Minas no palácio dos Governadores,
Na Casa dos Contos não tem mais poetas
encarcerados,

210 Campo de futebol em Carmo da Mata,
Divinópolis possui o melhor chuveiro do mundo,
As cunhãs não usam mais pó de ouro nos cabelos,
Os choferes avançam no bolso dos viajantes,[\[210\]](#)

- Teatro grego em São João d'El Rei
- 215 Onde jamais Eurípedes será representado...
Ninguém mais para nas pontes, Critilo,
Novidadeirando sobre damas casadas.
Tenho pressa! Ganhemos o dia![\[211\]](#)
Progresso! Civilização!
- 220 As plantações pendem maduras.
O morfético ao lado da estrada esperando
automóveis...
Cheiro fecundo de vacas,
Pedreiras feridas,
Eletricidade submissa...
- 225 Minas Gerais sáxia e atualista
Não resumida às estações-termais!
Gentes do Triângulo Mineiro, Juiz de Fora!
Força das xiriricas das florestas e cerrados![\[212\]](#)
Minas Gerais, fruta paulista!...
- 230 Alegria da noite de Belo Horizonte!
Há uma ausência de males
Na jovialidade infantil do friozinho.
Silêncio brincalhão salta das árvores,
Entra nas casas desce as ruas paradas
- 235 E se engrossa agressivo na praça do Mercado.
Vento florido roda pelos trilhos.
Vem de longe, das grotas pré-históricas...
Descendo as montanhas
Fugiu dos despenhadeiros assombrados do Rola-
Moça...
- 240 Estremeção brusco de medo.[\[213\]](#)
Pavor.
Folhas chorosas de eucaliptos.
Sino bate.
Ninguém.
- 245 A solidão angustiosa dos píncaros...

A paz chucra, ressabiada, das gargantas da
montanha...

250 A serra do Rola-Moça
Não tinha esse nome não...
Eles eram do outro lado,
Vieram na vila casar.
E atravessaram a serra,
O noivo com a noiva dele[214]
Cada qual no seu cavalo.

255 Antes que chegasse a noite
Se lembraram de voltar.
Disseram adeus pra todos
E se puseram de novo[215]
Pelos atalhos da serra
Cada qual no seu cavalo.

260 Os dois estavam felizes,
Na altura tudo era paz.
Pelos caminhos estreitos
Ele na frente ela atrás.
E riam. Como eles riam!
265 Riam até sem razão.

A serra do Rola-Moça
Não tinha esse nome não.

270 As tribos rubras da tarde
Rapidamente fugiam
E apressadas se escondiam
Lá embaixo nos socavões
Temendo a noite que vinha.

Porém os dois continuavam
Cada qual no seu cavalo,

275 E riam. Como eles riam!
E os risos também casavam
Com as risadas dos cascalhos
Que pulando levianinhos
Da vereda se soltavam[216]

280 Buscando o despenhadeiro.

Ah, Fortuna inviolável!
O casco pisara em falso.
Dão noiva e cavalo um salto
Precipitados no abismo.

285 Nem o baque se escutou.
Faz um silêncio de morte.
Na altura tudo era paz...
Chicoteando o seu cavalo,
No vão do despenhadeiro

290 O noivo se despenhou.

E a serra do Rola-Moça
Rola-Moça se chamou.[217]

Eu queria contar as histórias de Minas
Aos brasileiros do Brasil...[218]

295 Filhos do Luso e da melancolia,
Vem, gente de Alagoas e de Mato Grosso,
De norte e sul homens fluviais do Amazonas e do rio
Paraná...
E os fluminenses salinos
E os guascas e os paraenses e os pernambucanos
300 E os vaqueiros de couro das caatingas
E os goianos governados por meu avô...
Teutos de Santa Catarina,
Retirantes de língua seca,
Maranhenses paraibanos e do Rio Grande do Norte
e do Espírito Santo

305 E do Acre, irmão caçula,
Toda a minha raça morena!
Vem, gente! vem ver o noturno de Belo Horizonte!
Sejam comedores de pimenta
Ou de carne requentada no dorso dos pigarços
petiços,[\[219\]](#)

310 Vem, minha gente!
Bebedores de guaraná e de açai,
Chupadores do chimarrão,
Pinguços cantantes, cafezistas ricaços,
Mamíferos amamentados pelos cocos de Pindorama,

315 Vem, minha gente, que tem festas do Tejuco pelo céu!
[\[220\]](#)

Bárbara Heliodora desgrenhada louca
Dizendo versos desce a rua do Pará...[\[221\]](#)

Quem conhece as ingratidões de Marília?

Juro que foi Nosso Senhor Jesus Cristo Ele mesmo

320 Que plantou a sua cruz no adro das capelas da serra!

Foi Ele mesmo que em São João d'El Rei

Esculpiu as imagens dos seus santos...

E há histórias também pros que duvidam de Deus...

O coronel Antônio de Oliveira Leitão era casado com dona Branca Ribeiro do Alvarenga, ambos de orgulhosa nobreza vicentina. Porém nas tardes de Vila Rica a filha deles abanava o lenço no quintal... - "Deve ser a algum plebeu, que não há moços nobres na cidade..." E o descendente de cavaleiros e capitães-mores não quer saber de mésalliances. O coronel Antônio de Oliveira Leitão esfaqueou a filha. Levaram-no preso à Baía onde foi decapitado.[\[222\]](#) Pois dona Branca Ribeiro do Alvarenga reuniu todos os cabedais.[\[223\]](#) Mandou construir com eles uma igreja para que Deus perdoasse as almas pecadoras do marido e da filha.

325 Meus brasileiros lindamente misturados,
Se vocês vierem nessa igreja dos Perdões
Rezem três ave-marias ajoelhadas
Pros dois desinfelizes. [\[224\]](#)

Creio que a moça não carece muito delas
330 Mas ninguém sabe onde estará o coronel...
Credo! [\[225\]](#)

Mas não há nada como histórias pra reunir na
mesma casa... [\[226\]](#)

Na Arábia por saber contar histórias
Uma mulher se salvou... [\[227\]](#)

335 A Espanha estilhaçou-se numa poeira de nações
americanas

Mas sobre o tronco sonoro da língua do ão
Portugal reuniu 22 orquídeas desiguais.
Nós somos na Terra o grande milagre do amor!

Que vergonha se representássemos apenas
contingência de defesa

340 Ou mesmo ligação circunscrita de amor...

Porém as raças são verdades essenciais [\[228\]](#)

E um elemento de riqueza humana.

As pátrias têm de ser uma expressão de
Humanidade.

Separadas na guerra ou na paz são bem pobres

345 Bem mesquinhos exemplos de alma

Mas compreendidas juntas num amor consciente e
exato

Quanta história mineira pra contar!

Não prego a guerra nem a paz, eu peço amor!

Eu peço amor em todos os seus beijos,

350 Beijos de ódio, de cópula ou de fraternidade.

Não prego a paz universal e eterna, Deus me livre!
Eu sempre contei com a imbecilidade vaidosa[229]
dos homens

E não me agradam os idealistas.

E temo que uma paz obrigatória[230]

355 Nos fizesse esquecer o amor

Porque mesmo falando de relações de povo e povo

O amor não é uma paz

E é por amor que Deus nos deu a vida...[231]

O amor não é uma paz, bem mais bonito que ela,

360 Porque é um complemento!...

Nós somos na Terra o grande milagre do amor!

E embora tão diversa a nossa vida[232]

Dançamos juntos no carnaval das gentes,

Bloco pachola do “Custa mas vai!”

365 E abre alas que Eu quero passar!

Nós somos os brasileiros auriverdes!

As esmeraldas das araras

Os rubis dos colibris

Os abacaxis as mangas os cajus

370 Atravessam amorosamente

A fremente celebração do Universal!

Que importa uns falem mole descansado[233]

Que os cariocas arranhem os erres na garganta

Que os capixabas e paroaras escancarem as vogais?

375 Que tem se o quinhentos réis meridional

Vira cinco tostões do Rio pro Norte?

Juntos formamos este assombro de misérias e
grandezas,

Brasil, nome de vegetal!...

O bloco fantasiado de histórias mineiras[234]

380 Move-se na avenida de seis renques de árvores...
O sol explode em fogaréus...
O dia é frio sem nuvens, de brilhos vidrilhos...
Não é dia! Não tem sol explodindo no céu!
É o delírio noturno de Belo Horizonte...

385 Não nos esqueçamos da cor local:
Itacolomi... *Diário de Minas*... Bondes do Calafate...
E o silêncio... sio... sio... quiriri...

Os seres e as coisas se aplainam no sono.[\[235\]](#)
Três horas.

390 A cidade oblíqua
Depois de dançar os trabalhos do dia
Faz muito que dormiu.

Seu corpo respira de leve o aclave vagarento das
ladeiras.
De longe em longe gritam solitários brilhos
falsos[\[236\]](#)

395 Perfurando o sombral das figueiras:
Berenguendens berloques ouropéis de Oropa
consagrada[\[237\]](#)
Que a goiana trocou pelas pepitas de ouro fino.
Dorme Belo Horizonte.
Seu corpo respira de leve o aclave vagarento das
ladeiras...

400 Não se escuta sequer o ruído das estrelas
caminhando...
Mas os poros abertos da cidade
Aspiram com sensualidade com delícia
O ar da terra elevada.

Ar arejado batido nas pedras dos morros,
405 Varado através da água trançada das cachoeiras,
Ar que brota nas fontes com as águas
Por toda a parte de Minas Gerais.

 O RITMO SINCOPADO

(1923-1926)

a Tarsila [\[238\]](#).



De-dia um solzão de matar taperá
Passeou na cidade o fogo de Deus.
Os paulistas andaram que nem caçaremas tontas
Daqui pra ali buscando as sombras de mentira.

- 5 Mas agorinha mesmo deram as vinte horas.
De já-hoje quando a noite agarrou empurrando a luz
quente pra trás do horizonte [\[254\]](#)
Brisou uma friagem de inverno refrescando os
pracianos e a cidade rica.
As famílias pararam de suar.
Janelas abertas e portas abertas em todas as casas.
- 10 Se boia, se conversa descansado. [\[255\]](#)
Nas varandas portas terraços escuros
Acende apagam os vaga-lumes dos cigarros.

Todas as bulhas se ajuntam num riso feliz.

- Faz gosto a gente andar assim à toa
- 15 Reparando na calma da sua cidade natal. [\[256\]](#)

☀ ☀ Dois poemas acreanos [\[258\]](#)

A Ronald de Carvalho [\[259\]](#).



DESCOBRIMENTO[260]

Abancado à escrivaninha em São Paulo
Na minha casa da rua Lopes Chaves
De supetão senti um friúme por dentro.
Fiquei trêmulo, muito comovido[261]

5 Com o livro palerma olhando pra mim.

Não vê que me lembrei que lá no norte, meu Deus!
muito longe de mim,
Na escuridão ativa da noite que caiu,
Um homem pálido, magro, de cabelo escorrendo
nos olhos,
Depois de fazer uma pele com a borracha do dia,

10 Faz pouco se deitou, está dormindo.

Esse homem é brasileiro que nem eu...



ACALANTO DO SERINGUEIRO[262]

- Seringueiro brasileiro,
Na escuridão da floresta
Seringueiro, dorme.
Ponteando o amor eu forcejo
- 5 Pra cantar uma cantiga
Que faça você dormir.
Que dificuldade enorme!
Quero cantar e não posso,
Quero sentir e não sinto
- 10 A palavra brasileira
Que faça você dormir...
Seringueiro, dorme...
- Como será a escuridão
Desse mato-virgem do Acre?
- 15 Como serão os aromas
A macieira ou a aspereza
Desse chão que é também meu?
Que miséria! Eu não escuto
A nota do uirapuru!...
- 20 Tenho de ver por tabela,
Sentir pelo que me contam,
Você, seringueiro do Acre,
Brasileiro que nem eu.
Na escuridão da floresta
- 25 Seringueiro, dorme.
- Seringueiro, seringueiro,
Queria enxergar você...
Apalpar você dormindo,
Mansamente, não se assuste,
- 30 Afastando esse cabelo

- Que escorreu na sua testa.
Algumas coisas eu sei...
Troncudo você não é.
Baixinho, desmerecido,
35 Pálido, Nossa Senhora!
Parece que nem tem sangue.
Porém cabra resistente
Está ali. Sei que não é
Bonito nem elegante...
- 40 Macambúzio, pouca fala,
Não boxa, não veste roupa
De palm-beach... Enfim não faz
Um desperdício de coisas
Que dão conforto e alegria.
- 45 Mas porém é brasileiro,
Brasileiro que nem eu...
Fomos nós dois que botamos
Pra fora Pedro II...
Somos nós dois que devemos
- 50 Até os olhos da cara
Pra esses banqueiros de Londres...
Trabalhar nós trabalhamos
Porém pra comprar as pérolas
Do pescocinho da moça
- 55 Do deputado Fulano.
Companheiro, dorme!
Porém nunca nos olhamos
Nem ouvimos e nem nunca
Nos ouviremos jamais...
- 60 Não sabemos nada um do outro,
Não nos veremos jamais!

Seringueiro, eu não sei nada!
E no entanto estou rodeado
Dum despotismo de livros,

65 Estes mumbavas que vivem
Chupitando vagarentos
O meu dinheiro o meu sangue
E não dão gosto de amor...
Me sinto bem solitário

70 No mutirão de sabença
Da minha casa, amolado
Por tantos livros geniais,
“Sagrados” como se diz...
E não sinto os meus patrícios!

75 E não sinto os meus gaúchos!
Seringueiro, dorme...
E não sinto os seringueiros
Que amo de amor infeliz!...

Nem você pode pensar

80 Que algum outro brasileiro
Que seja poeta no sul
Ande se preocupando
Com o seringueiro dormindo,
Desejando pro que dorme

85 O bem da felicidade...
Essas coisas pra você
Devem ser indiferentes,
Duma indiferença enorme...
Porém eu sou seu amigo

90 E quero ver se consigo
Não passar na sua vida
Numa indiferença enorme.
Meu desejo e pensamento
(... numa indiferença enorme...)

95 Ronda sob as seringueiras
(... numa indiferença enorme...)
Num amor-de-amigo enorme...

Seringueiro, dorme!

Num amor-de-amigo enorme
100 Brasileiro, dorme!

Brasileiro, dorme.

Num amor-de-amigo enorme

Brasileiro, dorme.

Brasileiro, dorme,
105 Brasileiro... dorme...

Brasileiro... dorme...

REMATE DE MALES [\[263\]](#)



Quid, homo, ineptam sequeris laetitiam.
(sec. XI)



EU SOU TREZENTOS...[\[264\]](#)



(7 de junho de 1929)

Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinquenta,
As sensações renascem de si mesmas sem
repouso,
Ôh espelhos, ôh Pireneus! ôh caiçaras!
Se um deus morrer, irei no Piauí buscar outro!

5 Abraço no meu leito as melhores palavras,
E os suspiros que dou são violinos alheios;
Eu piso a terra como quem descobre a furto
Nas esquinas, nos táxis, nas camarinhas seus
próprios beijos!

10 Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinquenta,
Mas um dia afinal me encontrarei comigo...[\[265\]](#)
Tenhamos paciência, andorinhas curtas,
Só o esquecimento é que condensa,
E então minha alma servirá de abrigo.



VI

LOUVAÇÃO DA TARDE

Tarde incomensurável, tarde vasta,
Filha de sol já velho, filha doente
De quem despreza as normas da eugenia,
Tarde vazia, dum rosado pálido,
5 Tarde tardonha e sobretudo tarde
Imóvel... quase imóvel: é gostoso
Com o papagaio louro do ventinho
Pousado em minha mão, pelas ilhotas
Dos teus perfumes me perder, rolando
10 Sobre a desabitada rodovia.
Só tu me desagregas, tarde vasta,
Da minha trabalhadeira. Sigo livre,
Deslembrado da vida, lentamente,
Com o pé esquecido do acelerador.
15 E a maquininha me conduz, perdido
De mim, por entre cafezais coroados,
Enquanto meu olhar maquinalmente
Traduz a língua norte-americana
Dos rastos dos pneumáticos na poeira.
20 O doce respirar do forde se une
Aos gritos pontiagudos das graúnas,
Aplacando meu sangue e meu ofego.
São murmúrios severos, repetidos,
Que me organizam todo o ser vibrante
25 Num método sadio. Só no exílio
De teu silêncio, os ritmos maquinares
Sinto, metodizando, regulando
O meu corpo. E talvez meu pensamento...

Tarde, recreio de meu dia, é certo
30 Que só no teu parar se normaliza

A onda de todos os transbordamentos
Da minha vida inquieta e desregrada.
Só mesmo distanciada em ti, eu posso
Notar que tem razão-de-ser plausível
35 Nos trabalhos de ideal que vou semeando
Atabalhoadamente sobre a Terra.[\[312\]](#)
Só nessa vastidão dos teus espaços,
Tudo o que gero e mando, e que parece
Tão sem destino e sem razão, se ajunta
40 Numa ordem verdadeira... Que nem gado,
Pelo estendal do jaraguá disperso,
Ressurge de tardinha e, enriquecido
Ao aboio sonoro dos campeiros,
Enriquece o criador com mil cabeças
45 No circo da mangueira recendente...

Tarde macia, pra falar verdade:
Não te amo mais do que a manhã, mas amo
Tuas formas incertas e estas cores
Que te maquilham o carão sereno.
50 Não te prefiro ao dia em que me agito,
Porém contigo é que imagino e escrevo
O rodapé do meu sonhar, romance
Em que o Joaquim Bentinho dos desejos
Mente, mente, remente impávido essa
55 Mentirada gentil do que me falta.
Um despropósito de perfeições
Me cerca e, em grata sucessão de casos,
Vou com elas vivendo uma outra vida:

... Toda dor física azulou... Meu corpo,
60 Sem artrismos, faringites e outras
Específicas doenças paulistanas,
Tem saúde de ferro. Às intempéries
Exponho as ondas rijas dos meus músculos,
Sem medo. Praquê medo!... Regulares,

- 65 Mais regulares do que os meus, os traços
Do meu rosto me fazem desejado
Mais facilmente que na realidade...
Já não falo por ela não, por essa
Em cujo perfil duro jaz perdida
- 70 A independência do meu reino de homem... [\[313\]](#)
Que bonita que ela é!... Qual!... Nem por isso.
Não sonho sonhos vãos. A realidade,
Mais esportiva de vencer, me ensina
Esse jeito viril de ir afastando
- 75 Dos sonhos vesperais os impossíveis
Que fazem a quimera, e de que a vida
É nua, friorentamente nua.
Não a desejo não... Viva em sossego
Essa que sendo minha, nos traria
- 80 Uma vida de blefe, arrebatada
Por mais estragos que deslumbramentos.
Isto, em bom português, é amor platônico...
Quá! quá! quá!... Desejemos só conquistas!
Um poder de mulheres diferentes,
- 85 Meninas-de-pensão, costureirinhas,
Manicuras, artistas, datilógrafas,
Branccaranas e louras sem escândalo,
Desperigadas... livro de aventuras
Dentro do qual secasse a imagem da outra,
- 90 Que nem folha de malva, que nem folha
De malva... da mais pura malva perfumada!...
- Livre dos piúns das doenças amolantes,
Com dinheiro sobrando, organizava
As poucas viagens que desejo... Iria
- 95 Viajar todo esse Mato Grosso grosso,
Danado guardador da indiada feia,
E o Paraná verdinho... Ara, se acaso
Tivesse imaginado no que dava
A Isidora, não vê que ficaria

100 Na expectativa pança em que fiquei!
Revoltoso banzando em viagens tontas,
Ao menos o meu sul conheceria,
Pampas forraginosos do Rio Grande
E praias ondejantes do Iguaçu...[314]
105 Tarde, com os cobres feitos com teu ouro,
Paguei subir pelo Amazonas... Mundos
Desbarrancando, chãos desbarrancados,
Aonde no quiriri do mato brabo
A terra em formação devora os homens...
110 Este refrão dos meus sentidos... Nada
Matutarei mais sem medida, ôh tarde,
Do que esta pátria tão despatriada!

Vibro! Vibro. Mas constatar sossega
A gente. Pronto, sosseguei. O forde
115 Recomeça tosando a rodovia.
“Nosso ranchinho assim tava bom...” Sonho...
Já sabe: desejando sempre... Um sítio,
Colonizado, sem necessidade
De japoneses nem de estefanóderis...
120 Que desse umas quatorze mil arrobas...
Já me bastava. Gordas invernadas
Pra novecentos caracus bem...

Tarde,
Careço de ir voltando, estou com fome.
125 Ir pra um quarto-de-banho hidroterápico
Que fosse a peça de honra deste rancho,
Aonde também, faço questão, tivesse
Dois ou três quartos-de-hóspedes... Isto é,
De hóspedes não, de amigos... Esta casa
130 É sua... Entre... Se abanque... Mande tudo...
Não faça cerimônia... Olha, de-noite
Teremos Hindemith e Villa-Lobos!
Que bom! possuir um aparelho de

Radiotelefonia tão perfeito
135 Que pegasse New York e Buenos Aires!...
Tarde de meu sonhar, te quero bem!
Deixa que nesta louvação, se lembre
Essa condescendência puxapuxa
De teu sossego, essa condescendência
140 Tão afeiçoável ao desejo humano.
De-dia eu faço, mas de-tarde eu sonho.
Não és tu que me dás felicidade,
Que esta eu crio por mim, por mim somente,
Dirigindo sarado a concordância
145 Da vida que me dou com o meu destino.
Não marco passo não! Mas se não é
Com desejos sonhados que me faço
Feliz, o excesso de vitalidade
Do espírito é com eles que abre a válvula
150 Por onde escoa o inútil excessivo;
Pois afastando o céu de junto à terra,
Tarde incomensurável, me permites,
Qual jaburus-moleques de passagem,
Lançar bem alto nos espaços essa
155 Mentirada gentil do que me falta.

Ciao, tarde, estou chegando. É quase noite.
Todo o céu já cinzou. Dependurada
Na rampa do terreiro a gaiolinha
Branca da máquina "São Paulo" inda arfa,
160 As tulhas de café desentulhando.
Pelo ar um lusco-fusco brusco trila,
Serelepeando na baixada fria.
Bem no alto do espigão, sobre o pau seco,
Ver um carancho, se empoleira a lua,
165 - Condescendente amiga das metáforas...

  MARCO DE VIRAÇÃO

a José Bento Faria Ferraz[\[320\]](#).



IMPROVISO DO MAL DA AMÉRICA
(fevereiro de 1928)



Grito imperioso de brancura em mim...

Êh coisas de minha terra, passados e formas de
agora,
Êh ritmos de síncopa e cheiros lentos de sertão,
Varando contracorrente o mato impenetrável do
meu ser...

- 5 Não me completam mais que um balango de tango,
Que uma reza de indiano no templo de pedra,
Que a façanha do chim comunista guerreando,
Que prantina de piá, encastado de neve, filho de
lapão.

São ecos. Mesmos ecos com a mesma insistência
filtrada

- 10 Que ritmos de síncopa e cheiro do mato meu.
Me sinto branco, fatalizadamente um ser de mundos
que nunca vi.
Campeio na vida a jacumã que mude a direção
destas igaras fatigadas
E faça tudo ir indo de rodada mansamente
Ao mesmo rolar de rio das aspirações e das
pesquisas...

- 15 Não acho nada, quase nada, e meus ouvidos vão
escutar amorosos
Outras vozes de outras falas de outras raças, mais
formação, mais forçura.
Me sinto branco na curiosidade imperiosa de ser.

Lá fora o corpo de São Paulo escorre vida ao
guampaço dos arranha-céus,

E dança na ambição compacta de dilúvios de penetras.

20 Vão chegando italianos didáticos e nobres;
Vai chegando a falação barbuda de Unamuno
Emigrada pro quarto-de-hóspedes acolhedor da
Sulamérica;
Bateladas de húngaros, búlgaros, russos se
despejam na cidade...

Trazem vodka no sapiquá de veludo,
25 Detestam caninha, detestam mandioca e pimenta,
Não dançam maxixe, nem dançam catira, nem
sabem amar suspirado.

E de-noite monótonos reunidos na mansarda,
bancando conspiração,
As mulheres fumam feito chaminés sozinhas,
Os homens destilam vícios aldeões na catinga;

30 E como sempre entre eles tem sempre um que manda
sempre em todos,
Tudo calou de supetão, e no ar amolegado da noite
que sua...
- Coro? Onde se viu agora coro a quatro vozes,
minha gente! -
São coros, coros ucranianos batidos ou místicos,
Sehensucht d'além-mar!
Home... Sweet home... Que sejam felizes aqui!

35 Mas eu não posso, não, me sentir negro nem
vermelho!

De certo que essas cores também tecem minha
roupa arlequinal,
Mas eu não me sinto negro, mas eu não me sinto
vermelho,
Me sinto só branco, relumeando caridade e
acolhimento,

Purificado na revolta contra os brancos, as pátrias,
as guerras, as posses, as preguiças e ignorâncias!

40 Me sinto só branco agora, sem ar neste ar-livre da
América!

Me sinto só branco, só branco em minha alma
crivada de raças!